

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM TERRITÓRIOS DE FRAGILIDADES TECENDO TEIAS DE SABERES

Vera Brandão
Beltrina Côrte

Resumo: A formação continuada e a pesquisa na perspectiva interdisciplinar, utilizando a metodologia dialógico-narrativa no tema do envelhecimento humano, tem sido nossa experiência nos últimos 20 anos. Apresentamos as bases teóricas metodológicas e os procedimentos didáticos de projeto de educação continuada e pesquisa para grupo inter profissional, que atua em Centro-Dia para Idosos (CDI) da cidade de São Paulo, composto por psicólogo, assistente social, nutricionista, enfermeira e terapeuta ocupacional, além de 10 cuidadores de nível médio. Destacamos aqui as premissas e reflexões do processo formativo, no qual o grupo foi acompanhado por 8 docentes de áreas do conhecimento e experiências variadas, visando o processo de formação dialógica interdisciplinar, especialmente capacitados para este projeto. No espaço do Centro Dia para Idosos (CDI), localizado na comunidade Paraisópolis, articulam-se múltiplas fragilidades, das quais se destacam: as próprias ao território no qual está instalado; as do público-alvo do serviço – idosos e seus familiares –, somado ao desafio suplementar de prosseguir o projeto no período pandêmico (2020-2021). Indicamos, neste contexto, suas premissas: vincular as narrativas profissionais e pessoais às dimensões sócio antropológicas da experiência humana, por meio dos conhecimentos formais e das experiências vividas no binômio vida-trabalho e que, narradas e partilhadas, possam abrir caminho do reconhecimento de si e da equipe de trabalho no território; acrescida na adequação ao formato remoto, no período pandêmico (2020-2021), visando manter o espírito da metodologia dialógico-narrativa que o anima, passando do convívio presencial para o virtual.

Palavras-Chave: Dialogia-Narrativa. Formação Continuada. Centro Dia para Idosos. Reconhecimento.

CONTINUING EDUCATION NARRATIVES IN FRAGILE TERRITORIES WEAVING KNOWLEDGE WEBS

Abstract: Lifelong learning Narratives in Territories of Fragility. Weaving Webs of Knowledge .Lifelong learning and research from an interdisciplinary

¹ Projeto de Pesquisa 'Territórios de Envelhecimento. Narrativas. Formação Continuada e Pesquisa no Centro Dia para Idosos Paraisópolis'. Pesquisador Responsável-Beltrina Côrte. Plataforma Brasil (27/10/2020). Plataforma Brasil. <http://plataformabrasil.saude.gov.br>.

perspective (using the dialogic-narrative methodology on the subject of human aging) have been our experience over the last 20 years. We present the methodological theoretical bases and didactic procedures of a lifelong learning and research project for an interprofessional group, which works in a Day Center for the Elderly in the city of São Paulo. The day center includes a psychologist, a social worker, a nutritionist, a nurse and an occupational therapist, in addition to 10 caregivers. We highlight here the premises and reflections of the learning process, in which the group was accompanied by 8 professors from different areas of knowledge and experiences, aiming at the process of interdisciplinary dialogic education, especially qualified for this project. At the Day Center for the Elderly, located in the Paraisópolis slum, multiple fragilities are articulated, the following stand out: those specific to the territory in which it is installed; those of the service's target audience – the elderly and their families –, added to the additional challenge of continuing the project in the pandemic period (2020-2021). We indicate, in this context, its premises: linking professional and personal narratives to the socio-anthropological dimensions of human experience, through formal knowledge and experiences lived in the life-work binomial and that, narrated and shared, can pave the way for self-recognition and the recognition of the work team in the territory; nourished in the adaptation to the remote educational format, in the pandemic period (2020-2021), aiming to maintain the spirit of the dialogic-narrative methodology that animates it, moving from face-to-face to virtual coexistence.

Keywords: Narrative-Dialogy. lifelong learning. Day Center for the Elderly. Recognition.

Introdução

O processo de envelhecimento humano e a possibilidade concreta da longevidade avançada – denominada por nós 'longeviver' – é realidade no panorama da contemporaneidade de uma sociedade capitalista de consumo e descarte – de coisas e seres. Neste contexto temos desenvolvido ações pedagógicas – docência e pesquisa – visando informação e formação continuada em gerontologia social, perspectiva que considera os indivíduos em integridade e direitos (CÔRTE; BRANDÃO, 2018; 2019).

Nesse processo valorizamos as experiências e aprendizagens múltiplas, expressas em espaços dialógico-narrativos, que se complementam e reconstruem na perspectiva da educação ao longo da vida, compondo e recompondo saberes, visando à construção de espaços de vida plena, compartilhados por todas as idades. Para tanto é preciso dialogar e articular

as palavras proferidas por teóricos, profissionais especialistas e velhos cidadãos na construção de conhecimentos renovados, interlocução fundamental, no espaço e tempo social, para pensar a longevidade na sociedade em mudança.

Idealmente a educação pressupõe diálogo – comunicação. Não apenas transferência de saberes, mas encontro de sujeitos que buscam significações e sentidos, expressos pela linguagem, compreendendo de maneira ampla o objeto da comunicação. Neste contexto, os saberes se constroem na troca solidária, valorizando as experiências e os projetos de vida-trabalho, seguindo a abordagem proposta por Freire (1980).

O que se denomina hoje educação ou formação continuada é processo de aprendizagem permanente visando o mapeamento das competências e habilidades, para melhor desempenho e progresso, ao longo da vida pessoal e profissional, articulando saberes formais e os derivados das experiências e práticas cotidianas e seus desafios. Os espaços dialógico-narrativos devem, assim, ter como premissa a prática interdisciplinar cujo objetivo é promover o compartilhar experiências e conhecimentos diversos; respeitar a diversidade; promover o diálogo e parceria (BRANDÃO; CÔRTE; FAZENDA, 2015). Nessa perspectiva, é fundamental que o curador/mediador da formação seja um profissional atento e reflexivo, ponte entre o mundo acadêmico e a prática profissional, facilitador na construção de saberes em rede, como responsabilidade social, valorizando os saberes-fazer de todos os cidadãos (SCHON, 2007).

Na educação continuada em Gerontologia Social, buscamos novas e melhores soluções frente à complexidade inerente a todas as etapas da vida, incluindo os muitos anos que se vive como velhos, saudáveis ou não, desafio suplementar que hoje se impõe. As questões teóricas, filosóficas e sociais, que permeiam as reflexões sobre a existência humana, indicam a necessidade da compreensão do longeviver como fenômeno complexo, que abriga um conjunto de saberes, em diferentes áreas de conhecimento, perspectiva abrangente e substantiva. Ele deve ser pensado como relações e interfaces, pois refletir sobre o processo de envelhecimento e o longeviver sugere o desenvolvimento de novo olhar, novo pensar a respeito dos seus vários

significados e dimensões, visando ações consistentes (BRANDÃO; CÔRTE e SILVA, 2017).

Seguindo os princípios acima, foi elaborado projeto de educação continuada e pesquisa em território, partindo da premissa que o lócus do projeto possuía complexidade própria que exigia, da equipe de formação, um mergulho na realidade territorial, no qual estava inserido o Centro dia para Idosos (CDI), os profissionais do serviço, os idosos frequentadores e a própria comunidade.

Foram seus objetivos principais: refletir sobre o panorama dos territórios do envelhecimento populacional – mundo, cidade de São Paulo, comunidade de Paraisópolis; discutir as diretrizes norteadoras do trabalho social de atenção ao idoso no território, a partir da atuação em CDI; resgatar os conhecimentos teóricos e práticos dos profissionais a respeito destes temas; construir um “saber” agregador e interdisciplinar, tendo como foco perspectivas e ações sociogerontológicas renovadas; sensibilizar os profissionais participantes na escuta interna dos sentidos e significados de seu trabalho, compartilhando dúvidas e soluções, como exercício auto formador na escuta sensível e solidária dos idosos, suas famílias e comunidade; buscar, por meio de reflexões teórico-práticas e instrumentais, soluções possíveis no cenário do trabalho real cotidiano; sensibilizar para a humanização das relações e do cuidado; fortalecer o trabalho em equipe.

Apresentamos neste artigo o recorte no qual são analisados os pontos principais do processo formativo, sendo que a análise de dados e resultados detalhados da pesquisa está sendo organizada para futura publicação.

Projeto de Educação Continuada em Território de Fragilidades – Desafios e Oportunidades

Consideramos a educação ao longo da vida (*lifelong learning*), ou educação continuada, como as oportunidades educacionais e de aprendizado para adultos em geral, como possibilidade de promover melhor qualidade de vida, e instrumento contínuo de transformação. Essa política encontra-se

definida no *Memorandum* sobre a educação e a formação ao longo da vida, documento ratificado em Lisboa, pela Comissão Europeia:

A aprendizagem ao longo da vida (lifelong learning) não é apenas mais um dos aspectos da educação e da aprendizagem; ela deve se tornar o princípio diretor que garante a todos o acesso às ofertas de educação e de formação, em uma grande variedade dos contextos de aprendizagem (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2000, p. 3)2.

Consideramos que esse processo não é apenas transferência de conhecimentos, mas criação de possibilidades para a sua própria construção, com a consciência do seu inacabamento. Vivemos a cultura do ‘possível’, pois a instabilidade é hoje cotidiana. Não mais vivemos períodos de crise – ela é permanente – desafio que exige abertura ao diálogo e soluções coletivas, geradores de acertos possíveis em cenários de fragmentações e reconfigurações.

Nesta perspectiva, objetivamos ultrapassar os estereótipos da educação/ formação continuada na área da gerontologia social, apoiando-nos nas narrativas dos sujeitos em ‘primeira mão’ – idosos e profissionais – inseridos em seu território, na perspectiva etnológica que ressalta o valor do testemunho direto da atualidade presente e vivida, superando o arco que tem em uma ponta a visão do envelhecimento como período de carências e decrepitude e na outra a disposição e saúde idealizadas, além do incremento às políticas sociais (BRANDÃO, 2013).

A aprendizagem contínua favorece o bem-estar, considerada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)³ um dos componentes mais importantes do capital humano no mundo contemporâneo que está envelhecendo. Neste contexto, a interdisciplinaridade em perspectiva crítica, aliando teoria e prática, se consolida e pavimenta o caminho, que deve envolver todos os cidadãos e

² http://arhiv.acs.si/dokumenti/Memorandum_on_Lifelong_Learning.pdf.

³ Cf. Keeley B. (2007). OECD Insights-*Human Capital: How what you know shapes your life*. Paris: OECD Publishing.

resultar em ações comprometidas na articulação dos saberes vinculado à vida cotidiana, destacando questões relacionadas à identidade e subjetividade; às trocas sociais e afetivas; à saúde; à previdência social; ao trabalho, à família e às políticas públicas, levando em consideração os diferentes territórios de atuação, suas necessidades, características sociais e múltiplas fragilidades. A ampliação das possibilidades de educação continuada para profissionais é o desafio que se impõe, no momento de incertezas que buscamos enfrentar. O exercício de reaprender e refazer, individual e coletivo, se concretiza no movimento da escuta sensível de nós mesmos e dos outros – descobrir, construir, aprender e ensinar com e a partir das intersubjetividades (BRANDÃO; CÔRTE; FAZENDA, 2015).

É urgente e viável pensar no processo de ensinar e aprender visando uma vida plena, não convencional, que depende de cada um de nós, com a transferência de saberes, no encontro entre sujeitos que buscam significações e sentidos no vivido, expressos pela linguagem. Saberes que se constroem na troca solidária, valorizando as experiências e os projetos de vida-trabalho, em espaços que tenham como objetivos: trocar experiências e conhecimentos diversos; respeitar a diversidade; promover o diálogo e parceria. Objetivamos, assim, articular os saberes formais e experiências profissionais sobre os idosos com o saber e a experiência dos mesmos, visando melhor enfrentamento da complexidade inerente a esta etapa da vida, e a implantação de projetos inovadores que possam transformar positivamente o longeviver, construindo novo imaginário social e favorecendo a troca intergeracional. Destaca Moran (2017, s/p.) a importância, na contemporaneidade, de investimentos em educação de forma ampla, e que “aprender de forma aberta e intencional é a maior riqueza que podemos acumular a que acrescenta maior valor e significado à nossa vida e a que nos trará maior realização em tudo”.

Segundo Breton e Cunha (2019), é fundamental considerar a educação como reconhecimento de saberes teórico-práticos, circulantes nos grupos e equipes de trabalho, abrindo espaços narrativo-dialógicos objetivando desvelar o conhecimento cotidiano das construções de saberes múltiplos na prática e resolução de problemas. Neste contexto valoriza-se o diálogo, como expressão da experiência em primeira pessoa, parte das

narrativas das práticas ou biográficas, e nas trocas coletivas no interior dos grupos de trabalho, formação e pesquisa. Apoiamo-nos na afirmação de Freire (1921-1997):

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (1980, p. 82-83).

Estabelecer este espaço é sempre desafiador, como neste projeto de educação/formação continuada a profissionais e cuidadores de um Centro Dia para Idosos (CDI), serviço de média complexidade, da Proteção Social Especial (PSE) do município de São Paulo, estabelecido na comunidade de Paraisópolis – território de múltiplas fragilidades.

O serviço social oferecido pelos CDIs surgiu como demanda urgente ante o crescente aumento da população idosa, em acordo com a Política de Assistência Social, classificado como Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, aprovada pelo Conselho Nacional da Assistência Social (resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009)⁴.

O serviço tem a finalidade de promover a autonomia, a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas participantes. Deve contar com equipe específica e habilitada para a prestação de serviços especializados a pessoas em situação de dependência que requeiram cuidados permanentes ou temporários. A ação da equipe será sempre pautada no reconhecimento do potencial da família e do cuidador, na aceitação e valorização da diversidade e na redução da sobrecarga do cuidador, decorrente da prestação de cuidados diários prolongados⁵.

⁴ https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/resolucao_CNAS_N109_%202009.pdf.

⁵ Guia de Orientações Técnicas Centro Dia do Idoso-“Centro Novo Dia” / Secretaria de Desenvolvimento Social. – São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Social, 2014. 22p. <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/658.pdf>.

Neste contexto, o projeto aqui apresentado foi realizado no período de janeiro de 2020 a maio de 2021, sendo que de janeiro a março de 2020 em caráter presencial, no espaço do CDI Paraisópolis⁶, gerido por quadro técnico de profissionais, em convênio mantido pela Prefeitura do Município de São Paulo, por intermédio da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). Com o agravamento da pandemia SARS-Cov-2 foi adotado o formato remoto até sua finalização, significativo desafio para docentes e discentes na manutenção dos princípios que guiavam o projeto e a necessária coesão grupal.

Trabalhar no que denominamos ‘territórios de fragilidades’ foi outro considerável desafio, devido às condições físicas locais e as diferentes ‘normas’ estabelecidas para o acesso a ele, e mostrou-se fundamental, pois graças ao reconhecimento e presença no território – no qual se inserem os indivíduos em situação de vulnerabilidade, risco pessoal e social, por violação de direitos –, que melhor pudemos atuar. O que denominamos ‘territórios de fragilidades’ são os espaços periurbanos, nos quais se observa a superposição de carências múltiplas – saneamento básico, habitação, acessibilidade, educação e saúde – aliadas à violência e desestruturação dos vínculos comunitários, impactando negativamente o processo de envelhecimento.

O Mapa da Desigualdade da cidade de São Paulo (2020)⁷ indicava este panorama amplo de desigualdade, além do desequilíbrio na distribuição de renda, abrangendo a de gênero e racial, ressaltando também as desigualdades regionais e, conseqüentemente, o fosso existente entre as diferentes regiões da cidade, contexto no qual se encontra o território no qual foi realizado este projeto de capacitação. A este respeito, Côrte e Brandão indicam que:

⁶ Página do CDI Paraisópolis no facebook: <https://www.facebook.com/CentroDiaParaisopolis/>.

⁷ O Mapa de Desigualdade é um trabalho da Rede ‘Nossa São Paulo’-organização da sociedade civil apartidária-que desde 2012 realiza a coleta os dados, partilhados com todas as instituições públicas e sociedade civil, visando o combate à desigualdade, pela promoção dos direitos humanos, pela participação e controle social, e pela transparência e respeito ao meio ambiente. Acesso em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-MAPAS-site-1.pdf>.

[...] as desigualdades impactam toda a sociedade, pois são geradoras de índices de criminalidade e violência (social e simbólica); nos tipos e na remuneração do trabalho; no nível de estresse e nas doenças que afetam a população – sinais de uma sociedade desequilibrada e com baixos índices de bem-estar social (2020, p. 195-220).

Segundo D’Andrea (2012) e Silva (2020), a favela de Paraisópolis, situada na Zona Sul da cidade, no coração do bairro mais abastado de São Paulo – o Morumbi – é a segunda maior da metrópole, com população estimada em 100 mil pessoas. Seu início ocorreu ao final da década de 1930, a partir do loteamento de antiga fazenda de cultivo de chá. A urbanização esperada não aconteceu e, aos poucos, a região foi sendo ocupada por trabalhadores das construções do entorno – Palácio dos Bandeirantes – atualmente sede do governo do Estado –, Hospital Israelita Albert Einstein e um estádio de futebol. Com o tempo, novas avenidas foram abertas e o bairro do Morumbi foi crescendo, com edificação de mansões e edifícios de luxo. Com crescimento desigual e irregular, desde o início, Paraisópolis torna-se um ‘bolsão’ de mão de obra barata da região, formado especialmente de migrantes do Norte/Nordeste do país, e território de constantes pressões, conflitos, desigualdades e violências.

A década de 1980 foi marcada por ameaças de remoção, pressionada pelo entorno rico, o que a organização e fundação da União de Moradores de Paraisópolis (1983), com mobilização na conquista de água e energia elétrica, dentre outras melhorias básicas. Atualmente ocupa área de cerca de um milhão de metros quadrados, mas apesar de pequenas melhorias e avanços, com crescente comércio local, o território ainda apresenta alta densidade, muita pobreza da população trabalhadora, que ali convive com muitos níveis de violência – a física, operada pelos órgãos de repressão⁸; a interna às famílias; dos grupos ligados ao tráfico; das relações de trabalho; do racismo e preconceitos; a simbólica – riqueza ao lado da pobreza; e a invisibilidade, ao

⁸ Ver <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/06/28/corregedoria-da-pm-investiga-violencia-policial-em-paraisopolis.htm>.

não se permitir que a população participe das tomadas de decisão neste território, e que tem ‘donos’ extraoficiais.

Atualmente Paraisópolis faz parte do G10 das Favelas, bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas que, assim como os países ricos do G-7, buscam unir forças em prol do desenvolvimento econômico e protagonismo das Comunidades, visando o desenvolvimento econômico e social dessas áreas urbanas. A ideia do G-10 é inspirar o Brasil inteiro a olhar para a favela, tornando as Comunidades grandes Polos de Negócios, atrativo para Investimentos, de forma a “transformar a exclusão em Startups e Empreendimentos de Impacto Social” de sucesso, a exemplo dos grandes blocos econômicos⁹.

O Projeto de Educação Continuada e Pesquisa – Organização e Desenvolvimento

O projeto de capacitação foi organizado com encontros semanais presenciais com a equipe do CDI (técnicos, cuidadores e pessoal de apoio) dividida em duas turmas (pois o atendimento aos idosos não podia parar), com 2h30 de duração, sempre com a presença de um docente especialista e um coordenador. Os encontros começavam com perguntas temáticas, reflexões escritas pelos profissionais; partilha e diálogo entre profissionais e docentes a partir dos temas levantados; ao final de cada encontro o tema seguinte era anunciado e os profissionais deveriam escrever, livremente, narrativas referentes às suas experiências pessoais e profissionais sobre o mesmo. No início e no final de cada encontro dúvidas teórico-práticas eram sanadas, com indicações bibliográficas pertinentes, além da resolução de questões surgidas no grupo, com apoio de docente e coordenadora.

No encontro seguinte as narrativas eram partilhadas entre todos, com troca de conhecimentos e saberes próprios, além dos sentimentos despertados, mediado pela docente que abria um espaço de segurança à partilha e fornecia apoio teórico, possibilitando trocas e construção de

⁹ Ver site do G10 Favelas: <http://www.g10favelas.org/>. Mais informações a respeito podem ser obtidas no canal Youtube: <https://www.youtube.com/c/G10Favelas/videos>.

saberes. A coordenadora, sempre presente, dava apoio ao processo, e assumia o papel de ‘escriba’ do caderno de campo; ponto de apoio na manutenção da linha teórica e realinhamento do grupo nas mudanças de tema/docente, esclarecendo potenciais dúvidas ou questões internas ao grupo. Este processo incluía a organização do acervo material gerado no processo de formação e pesquisa. Foram elencados 12 temas estruturantes à primeira etapa da formação, que detalhamos neste artigo:

- 1 – A condição humana e a arte de envelhecer (Narrativas sobre as representações da velhice e envelhecimento dos profissionais)
- 2 – Territórios do envelhecimento populacional: o que é envelhecimento, velhice e longevidade (Narrativas sobre os velhos da família dos profissionais do CDI)
- 3 – As fragilidades do ser nas complexas velhices: as síndromes geriátricas I (Narrativas das fragilidades dos idosos da família dos profissionais)
- 4 – As fragilidades do ser nas complexas velhices: as síndromes geriátricas II (Narrativas das fragilidades dos idosos do CDI)
- 5 – Filme *Alzheimer na Periferia*. O cuidado aos demenciados (Narrativas sobre os cuidados familiares dos profissionais)
- 6 – O cuidado centrado na doença e suas implicações versus o cuidado centrado na pessoa (Narrativas sobre os idosos (quem são) e os cuidados das suas doenças)
- 7 – Centro-dia: Lugar onde as relações de convivência se expressam (Narrativas de saberes, de gerações, experiências, trocas, lutas, poder, hábitos, cultura e doenças).
- 8 – Mediando relações no CDI (Narrativas de conflitos e seus desfechos dentro do CDI)
- 9 – Os cuidados cotidianos em um Centro-dia e o papel dos profissionais (Narrativas dos diferentes cuidados e papéis exercidos pelos diversos profissionais)
- 10 – O universo do CDI e os desafios interdisciplinares do trabalho em equipe (Narrativas do desafio do trabalho em equipe dentro do CDI)

11 – Religando Ofícios no CDI: perfil do idoso e perfil da organização (Narrativas dos ofícios dos profissionais, da configuração organizacional e técnica)

12 – O CDI de portas abertas à comunidade (Narrativas de boas vizinhanças – exercendo a cidadania).

Como pode ser observado, por meio dos temas e da abordagem metodológica narrativa, a capacitação dos profissionais-discentes tinha como pressuposto o exercício de reflexão, escrita e criação de espaço dialógico, a partir do olhar interno sobre o próprio envelhecimento; dos familiares idosos; seus cuidados; as síndromes mais comuns; o olhar ampliado sobre a realidade da comunidade; a possibilidades de atuação integrada no CDI e na comunidade. Esse foi o impulso para que o grupo trilhasse o ‘percurso de reconhecimento’ (RICOUER, 2006), partindo das experiências e conhecimentos dos profissionais – reconhecimento de si; o reconhecimento de outros – idosos e suas famílias; entre si – equipe profissional, idosos e familiares e a comunidade, partilhando experiências e narrativas em território de fragilidades – processo de ‘reconhecimento mútuo’ – eu reconheço/eu sou reconhecido. Este ‘percurso’ é um objetivo/aposta dos projetos de capacitação/educação continuada/pesquisa que temos realizado, indicando que não basta o saber teórico/técnico já estabelecido, mas tem como premissa a necessidade da ‘apreensão’ do conhecimento coproduzido por todos os participantes, dinâmico e humanizado, sempre indicando um ‘porvir’, e fundado no contexto social vivido.

A metodologia dialógico-narrativa (JOSSO, 2006; DELORY-MONBERGER, 2008), aqui utilizada, foi idealizada ao longo do percurso como docentes e pesquisadoras, pois notávamos que muitos profissionais, de diferentes áreas, que atuavam junto às pessoas idosas, não possuíam preparo teórico, técnico e abertura humanizada adequada à atuação junto a este público. Mesmo considerando o significativo aumento da população idosa na sociedade, boa parte dos cursos de graduação não preparava os alunos para a atuação com esta faixa etária, em perspectiva humanística, privilegiando a atuação mais ‘técnica’, desconsiderando a complexidade que envolve o

processo de envelhecimento e mantendo, muitas vezes, preconceitos que impedia o atendimento ao ‘sujeito’ idoso pleno – em direitos, desejos e necessidades.

Outra constatação e desafio é verificar que a demanda crescente por serviços dirigidos a esta faixa etária leva muitos profissionais se encaminharem para a área como “mercado” promissor, sem desenvolver, muitas vezes, a sensibilidade necessária para a atenção diferenciada. Observamos: ou um cuidado competente, mas automatizado e frio; em outras circunstâncias certa indiferença, falta de paciência e até rudeza; ou tentando ser “carinhoso”, tratar o idoso por diminutivos, infantilizando-o, não considerando suas reais capacidades, necessidades e desejos. Existe a competência da formação, mas não habilidade na ação.

Solicitar ao profissional a narrativa em primeira pessoa, tendo como perspectiva o processo duplo de reconhecimento de si, de outros e mútuo, é exercício que pode oferecer perspectivas inovadoras visando o desenvolvimento de relações humanizadas com os idosos da própria família, em suas fragilidades, sensibilizando para o cuidado centrado na pessoa, nas relações comunitárias de convivência e apoio, no qual se incluem os serviços oferecidos pelo CDI, como intervenção e mediação, por profissionais, atitudes e ações que possam impactar a vida pessoal, profissional e comunitária. Ao longo deste processo foi construído um acervo composto por diferentes narrativas – idosos, profissionais e familiares; nas observações escritas nos ‘diários de campo’, pelos docentes e a coordenadora do processo; além do material didático de apoio que, posteriormente, vão compor seu acervo documental.

Tecendo Teias de Saberes

Ao longo do processo objetivamos desenvolver nos profissionais-discentes a atitude ativa de busca, investigação e a re-apropriação dos saberes-fazer, próprios a cada um, e os comuns ao grupo. O ponto de partida foi reconhecer o território de atuação e, nele, as experiências vividas, além de sensibilizar os profissionais participantes para a escuta interna dos sentidos e significados de suas vidas-trabalhos, intrinsecamente ligados, compartilhando

dúvidas e soluções, visando à integração de experiências e saberes na ação e exercício de formação humanizada. Buscamos, igualmente, sensibilizar para o fato de que a vida humana não é indiferente ao contexto social nas quais ela se desenrola, exigindo o reconhecimento de sua relação com os processos político-institucionais e as práticas sociais pertinentes às diferentes culturas nos quais estão inseridos. Os encontros podem ser assim considerados, na perspectiva antropológica, como espaços etnográficos de pesquisa de si, do outro e das práticas, nos quais os participantes podem encontrar ‘o novo’ naquilo que lhes é mais familiar – mas que surpreende quando é observado, analisado, anotado, refletido e retrabalhado em cada nova escrita (AUGÉ; COLLEYN, 2012)¹⁰.

Ampliamos, assim, a reflexão sobre a metodologia dialógico-narrativa como apresentada na obra da educadora franco-alemã Christine Delory-Momberger (2008) que afirma o processo como, simultaneamente, autobiográfico – uma reflexão sobre si, pela palavra; e heterobiográfico pelo trabalho de escuta e leitura do relato do outro. Indica o compreender o outro e compreender-se por meio do outro, em meio à complexidade própria ao humano, pois a palavra é autobiográfica e proferida em um tempo e espaço específico, com a intermediação do grupo. É a palavra socializada cujo efeito é formador, propiciando a construção de uma “cultura da atenção”. A educadora francesa Cristine Josso (1999, p. 14), aponta em suas reflexões sobre “história de vida em formação” que essa abordagem abre “novo horizonte teórico no campo da educação de adultos para uma abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articuladas às histórias de vida”.

Na área da gerontologia social a educação continuada, na abordagem narrativa, contempla o exercício de reaprender e refazer, individual e coletivo, e se concretiza no movimento da escuta sensível nos grupos – descobrir, construir, aprender e ensinar com e a partir da

¹⁰ Na perspectiva antropológica a observação e recolha de material no campo de trabalho é denominado etnografia, etapa seguida da etnologia — análise e escrita das experiências vividas, materiais e dados obtidos, perspectiva que complementa e, simultaneamente, amplia o trabalho realizado.

intersubjetividade estabelecida pela reflexão, trocas de experiências, análises de casos, entre outras possibilidades que surgem nos encontros integrativos. Os projetos de trocas de “saberes-fazer” são caminhos de descobertas para profissionais e formadores, e as perguntas geradoras de reflexões devem ser lançadas a todos, o que implica diálogo, parceria e interação de intersubjetividades, desafio que exige clareza dos objetivos, tempo de encontro e reflexão na busca de ações interdisciplinares, integrativas, significativas e humanizadas. Assim, as articulações entre teoria e prática podem encaminhar à aprendizagem, à reflexão e à mudança frente aos saberes coproduzido por todos os indivíduos, portadores de especificidades pessoais e culturais, e competências desenvolvidas ao longo da trajetória, a serem rearticulados frente aos desafios da prática cotidiana. Neste contexto a atitude interdisciplinar, como já indicado, nos possibilita enfrentar o grande desafio da articulação criativa entre diferentes saberes-fazer – uma compreensão em rede – considerando os saberes como fios de uma mesma trama.

Seguimos Fazenda (2001a) na perspectiva que devemos nos apoiar nos princípios da interdisciplinaridade: o bom uso do tempo, privilegiando o tempo de espera, que leva à coerência da busca, ao respeito pelo próprio trabalho e ao de outros, a humildade de compartilhar e colocar-se, assim como ao trabalho, em constante revisão e (auto) análise crítica, sempre contextualizada no tempo e espaço da cultura, aliado a ousadia das propostas e a coragem e o pioneirismo da luta.

O primeiro elemento para o enfrentamento e superação do desafio, indicados pelos princípios de encontro e formação interdisciplinar, é a palavra. As palavras que constituem a língua e a linguagem nos distinguem dos outros seres vivos, fazendo de nós humanos; torna possível o compartilhar de informações, pois pressupõe o encontro eu-outro, concretizando a interação social, que constrói e constitui as culturas, em sentido amplo. Ao abordar os significados culturais devemos considerar a interdisciplinaridade em dupla perspectiva, quanto às suas finalidades que, aparentemente contraditórias, não devem ser vistas como excludentes. O conceito difere quando analisado na perspectiva da influência europeia –

enfoques sociais, epistemológicos e ideológicos – e à anglo-saxônica – evidentemente mais pragmática (LENOIR, 2001).

As perspectivas estão ligadas a lógicas diferentes, próprias a cada uma dessas culturas, e às concepções educacionais a elas correspondentes, pois na cultura europeia, especialmente na de língua francesa, o foco é o *saber-saber*, com destaque para a problematização do saber e o questionamento do sentido que precede a ação. Na cultura anglo-saxônica, especialmente nos Estados Unidos, a questão central é sua funcionalidade com ênfase na perspectiva instrumental: o *saber-fazer ou saber-agir*.

O mesmo autor afirma ter encontrado no Brasil outra lógica, na qual a interdisciplinaridade está centrada no ser humano – uma abordagem fenomenológica – segundo pesquisas desenvolvidas por Ivani Fazenda, ao longo de mais de 30 anos de estudos e pesquisas, na qual se destacam: a intencionalidade da ação; a necessidade de autoconhecimento; do reconhecimento da intersubjetividade e do diálogo – o *saber-ser* –, entendidos como processo de descoberta de si.

Constatamos, neste processo, que o diálogo se faz na criação coletiva – interação entre eu e outros – identidades construídas e expressas nos diálogos, por meio de leituras objetivas e subjetivas das realidades. Nos apresentamos e nos (re) conhecemos como membros de uma comunidade sociolinguística, tecendo uma rede de conversações e de (re) significados – palavras sobre palavras – que expressam nossas identidades culturais pessoais e coletivas únicas e múltiplas – expressas nas palavras faladas e escritas, nos olhares, gestos, silêncios. Como afirma Martín-Barbero (2014, p. 33):

Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim de outra palavra, da resposta de um outro [...] é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo.

Afirma ainda que a palavra não se reduz ao gesto, mas se inicia nele, e por ele descobrimos que a linguagem não é só tradução de ideias, *mas uma*

forma de habitar o mundo, de se fazer presente nele, de compartilhá-lo com outros homens.

O que se considera saber pode ser, nesta perspectiva, indagado – O que é? Como se constituiu? Como utilizá-lo para a vida? A primeira reflexão nos indica sua pluralidade – saberes – já que não se pode pensar em um saber único, como verdade absoluta. Segundo Maturana e Varela “[...] ao pretendermos conhecer o conhecer encontramos-nos nitidamente com o nosso próprio ser [...] todo conhecer é um fazer [...] todo o ato humano, ao construir um mundo na linguagem, tem um caráter ético, porque ocorre no domínio social (2001, p. 265-270). O termo ‘conhecer’ – *saber de* – já nos indica o primeiro passo no caminho complexo do processo de integração dos saberes, como ato humano em meio social. Devemos considerar que a primeira impressão – *o saber de* – vem das *experiências* que vivemos e do *que se passa e do que nos acontece* a partir delas (LARROSA, 2002; 2015).

O que nos impacta? A experiência, única e individual, é percebida pelos sentidos e filtrada pelo corpo, e a sensação que dela deriva já foi considerada pela Filosofia como *elemento simples e último do conhecimento*. As sensações básicas de frio, calor, dor, paladar, cheiros, sons, nos fornecem os indícios do ambiente circundante e, gradativamente, criamos classes de experiências agradáveis e desagradáveis. Afirma Larrosa (2002, p. 21) que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Cada indivíduo tem uma experiência que pode ser elaborada como conhecimento sobre o ‘mundo’ e adquire um repertório de sensações e aprendizados que compõe ‘seu’ universo de saberes – *saber de*. Incorporamos e transformamos experiências, os conhecimentos individuais, em saberes, logicamente organizados, – *saber que*; visando ações coletivas, com benefícios comuns – *o saber como*.

Devemos, pois, nos aproximar com respeito dos diferentes saberes, seguindo a lógica da descoberta, que se renova a cada encontro cotidiano, o que muitas vezes causa medo e incomoda, pois se arrisca deixar a segurança do já conhecido por algo inovador, e que pressupõe movimento e incertezas. Para tanto devemos estar alertas, termos espírito crítico para escolher entre

várias possibilidades – estudar, refletir, admitir erros e falhas, voltar atrás. No registro da descoberta teremos um processo de constante e cotidiana admiração pelo universo circundante, de movimento de apreensão e ressignificação. Os indivíduos em formação permanente devem ser levados a perguntar, examinar, analisar, desafiar e, neste sentido, é mais importante acentuar-se o processo de aprendizagem e relativizar o produto.

A aprendizagem assim estimulada baseia-se no profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos, pois quando se respeita o outro se estimula o respeito mútuo e o auto respeito. O filósofo brasileiro Hilton Japiassu [1934-2015] (2001) que afirma que para (des) pensar e repensar é preciso o *sapere-aude* – saber ouvir – ousadia de pensar e coragem de usar a inteligência. O já centenário e ativo cientista social e filósofo francês Edgar Morin (2000) afirmava que a complexidade do saber e ação é característica inerente ao ser humano, considerando a perspectiva biopsicossocial, encarada em sua ambiguidade, como geradora de pensamento articulador. Mesclam-se, assim, as complexidades do humano, da apreensão do saber e própria ao momento social de transformações profundas.

Afirmamos, assim, que a atitude interdisciplinar, que destaca a fundamental articulação entre *saber-saber*, *saber-fazer*, e *o saber-ser*, como proposta por Fazenda (2001), tem sido observada nos grupos de profissionais em projetos de educação continuada, na medida em que mostraram o rigor – compromisso e competência – e a ética na trajetória de vida, por meio dos projetos existenciais e de trabalho, explicitados na segunda etapa deste processo de formação, na modalidade remota, baseada em “discussão de casos” a partir dos atendimentos no CDI. Destacaram-se os temas: Cuidado versus Desejo por Descuidado (quando o cuidado excessivo limita); Atendimento EAD e inclusão digital para idosos; Projeto de Vida e Tanatologia; Desafios dos cuidados (apego, história de vida do idoso, estereótipos do envelhecimento); Saúde Mental dos idosos e estratégias; Entendendo o Alzheimer, Demências e outros transtornos; Fragilização de vínculos familiares – busca de estratégias de fortalecimento; O trabalho do cuidador e o papel dele com o familiar do idoso; A comunidade no papel do cuidado idoso (quando o idoso não tem familiares); CDI de portas abertas à comunidade.

A terceira etapa da formação, também com atividades remotas assíncronas, surgiu de demanda dos próprios profissionais-discentes ao reconhecerem a necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o território de atuação do CDI, política do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Por isso os temas propostos foram: Saiba mais sobre o SUAS (informações sobre o funcionamento do SUAS, na perspectiva do acesso a direitos); Oportunidades vivas do Território, que podem ser aproveitadas pelas famílias e usuários; Trabalho e Equipe – Criando ambiente colaborativo, mediação de conflito; Revisão de Tipologia do CDI (com quem e como contar no serviço, e Descrição das atividades realizadas pelo serviço); Arquitetura, Ambiência e Envelhecimento; Abordagens biopsicossociais da Dor; Farmacologia – Tipos de medicação, Desafios na aderência no tratamento medicamentoso.

Os temas foram trabalhados seguindo a perspectiva de apreender e articular as complexidades de seres e saberes – facilitadora na construção das teias de saberes – construções humanas, no tempo e espaço da cultura, em suas identidades complexas, múltiplas e passíveis de serem reconstruídas, por meio de ações integrativas realizadas no território de fragilidades. Desordem e mudança, inerentes à natureza, não são impedimentos para esta construção, mas fatores constitutivos dos seres, saberes e sociedades dos quais são construtores e constructos. Os desafios estão nos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação dos mesmos é a ação que funda as culturas.

Ateliê – As Escritas de Saberes

Finalizando este projeto de formação continuada e pesquisa, a pedido dos discentes-profissionais, foi idealizada a última etapa – os ateliês de *escritas de saberes* a partir da discussão de experiências do CDI – com objetivo de fornecer suporte teórico e metodológico na elaboração de artigos, relatos de experiência e de pesquisa (individual e/ou em grupo) que articulassem as reflexões construídas no processo de educação continuada, aliado às práticas

cotidianas, objetivando a escrita de artigos para publicação¹¹. Juntos, constatamos a falta de material de pesquisa na área de formação/educação continuada que relatasse experiências, exitosas ou não, que poderiam ser ponto de apoio de reflexões, práticas e aprimoramento cotidiano aos profissionais da área gerontológica.

Os *Ateliês de Escrita* seguiram a mesma metodologia dialógico-narrativa, e foram organizados em 6 encontros virtuais mensais, com cerca de 2h30 de duração, aliado a atividades remotas assíncronas para reflexão, elaboração, supervisão e suporte na escrita de artigos, seguindo normas próprias, visando futuras publicações. Teve como objetivo: fornecer suporte teórico e metodológico visando atender as expectativas dos profissionais do CDI, na etapa final de formação; escrever artigo (individual/grupal) que articulasse as reflexões construídas no processo de formação com as práticas cotidianas dos envolvidos. Este movimento, que emergiu do próprio grupo foi considerado como parte dos resultados benéficos do processo de formação, levando-os à re-apropriação de si, da equipe de trabalho, e dos desafios da atuação profissional e, especialmente, de suas múltiplas competências, incluindo escrever um artigo.

Na primeira reunião virtual, após a conversa inicial, indagamos sobre como pensavam a respeito destas ‘escrita de saberes’? Dúvidas, dificuldades e expectativas? Em seguida foi proposto ao grupo que retomassem a reflexão de base do primeiro encontro presencial – janeiro, 2020 – iniciado com reflexões e escrita individual, e posterior partilha entre a equipe e formadores, seguindo a metodologia proposta, com as seguintes questões: Quem sou eu profissional? Qual é o principal desafio da minha atribuição? Qual meu ponto forte pessoal e profissional – competências e habilidades? Qual minha principal dificuldade? Como fortalecer o potencial

¹¹ Foram publicados 4 artigos individuais no site *Portal do Envelhecimento* e, um outro, coletivo, está em processo de acabamento para ser encaminhado para uma revista indexada: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/minha-experiencia-como-enfermeira-em-um-centro-dia-para-idosos-cdi/>; <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-funcao-do-nutricionista-no-centro-dia-para-idosos-cdi/>; <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-papel-do-assistente-social-em-centro-dia-para-idosos-cdi/>; <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-papel-da-terapia-ocupacional-em-um-cdi-relato-sobre-a-pratica-na-pandemia/>.

positivo e superar obstáculos e dificuldades? Quais as dificuldades, desafios e aprendizagens deste período de trabalho/formação?

As questões iniciais eram recolocadas após quase dois desafiadores anos, para a todos, e consideramos pertinente refletir e voltar aos passos dados na escrita sobre as mudanças ocorridas, derivadas dos desafios de uma formação de médio prazo, em situação pandêmica e a necessidade de afastamento pessoal entre a equipe, e especialmente dos idosos, utilizando dispositivos midiáticos, tanto no processo de formação como na ‘invenção’ de modos de ‘intervenções’ pontuais à distância, mantendo visitas presenciais ocasionais aos idosos.

Ao final deste encontro notamos que seria possível ao grupo (re) apropriar (se) dos saberes-fazer, elaborados no período; ‘reconhecer o ambiente e a equipe’ visando à escrita de artigo (s), relativos aos projetos de trabalho realizados, em perspectiva interdisciplinar; desvelar e promover ações sócio-gerontológicas renovadas, a partir das reflexões teóricas e práticas, resultantes das intervenções junto aos idosos e familiares, por meio de materiais redigidos individualmente e retrabalhados em grupo. Indicamos, como ponto inicial, considerarem os ganhos suplementares na consolidação dos laços de parceria na equipe, em suas reflexões e no trabalho cotidiano na comunidade, frente a tantos desafios, em espaço de solidariedade e respeito. A reunião seguinte foi de partilhas das narrativas e das ideias iniciais sobre o trabalho de escrita e a necessidade da articulação das redes de saberes, de cada profissional, já surgindo o movimento de organização interna.

Como sugestão de orientação, na organização e escolha de futuros conteúdos, utilizamos os estudos de Oscar Jara Holliday – *Para sistematizar experiências* (2006, s/p). Segundo o autor:

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo. Apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido.

Ela permite compreender as experiências realizadas; melhorar a própria prática; incentivar o diálogo entre saberes – articulando o saber cotidiano e os conhecimentos teóricos que se entrelaçam. Para iniciar o processo são necessários dois requisitos: ter participado da experiência; ter realizado o registro das mesmas. Neste sentido devem ser definidos: a finalidade da sistematização; recuperar a experiência a ser sistematizada; destacar os aspectos centrais; encontrar um eixo de sistematização; analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo; formular conclusões; comunicar a aprendizagem.

A partir destas indicações tiveram início as escritas individuais e grupais, partilhadas entre os componentes da equipe e nos encontros virtuais com a dupla de formadores, um processo de construção e reconstrução dos textos primários; posteriormente a definições sobre os temas dos artigos e comunicações individuais; as articulações para a escrita do texto grupal – um estudo de caso de atendimento a uma idosa e sua família, em seus muitos desdobramentos, e no qual todos os profissionais tinham participado. Parte deste processo já vinha sendo acompanhado no período pré-pandêmico, mas seu desdobramento, no período de afastamento dos idosos do CDI, e as soluções encontradas pela equipe para continuar em ação, virtual e/ou presencial, durante o período de afastamento mostrou-se como grande e generoso esforço de mobilização e competências múltiplas.

Durante o processo de escrita foram realizadas reuniões de acompanhamento periódicas, individuais e grupais, para leitura do material, reforço bibliográfico, exercícios conjuntos de aprimoramento da escrita, objetivando uso correto da língua, clareza, concisão e aplicação de normas técnicas e éticas próprias à escrita para revistas acadêmicas, como desejo do grupo. Neste processo surgiu um diálogo promissor entre o conhecimento e a dúvida, seguindo a lógica da descoberta, que se renovava a cada encontro e despertava na equipe o interesse e o espírito crítico. Ficaram evidenciados os ganhos no processo de formação continuada da equipe e o trabalho relacional realizado no CDI, interna e externamente – como espaço de troca de saberes, fazeres; de acolhida; de comunicação compassiva; de realização de desejos; de construção e reconstrução de vínculos; de proteção e cuidado. Destaca-se,

neste contexto, a forte presença deste equipamento como apoio no cotidiano da comunidade.

A aprendizagem, assim estimulada, teve como base o profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos, pois no respeito ao outro se estimula o respeito mútuo e o auto respeito. Desordens e mudanças, incluindo as vividas neste período pandêmico, são inerentes à natureza e às culturas, fatores constitutivos dos seres, saberes e sociedades. Os desafios estão nos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação dos mesmos é a ação que funda as culturas. “Saber é um dever, um risco que cada indivíduo deve correr conscientemente para ter acesso ao estatuto de sujeito livre e racional” (JAPIASSÚ, 2001, p. 30).

Referências

AUGÉ, Marc; COLLEYN, Jean-Paul. *L´ Anthropologie*. Paris: PUF, 2012.

BRANDÃO, Vera. Viver bem para longeviver melhor. *Revista Portal de Divulgação* (São Paulo), 34, Ano III, jul. 2013. ISSN 2178-3454. Disponível em: www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista. Acesso em: 11 maio 2014.

BRANDÃO, Vera; CÔRTE, Beltrina; FAZENDA, Ivani. A Interdisciplinaridade na Gerontologia Social. *Revista Interdisciplinaridade*. 2015, n. 7. p. 61-70. ISSN 2179-0094. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/25067>. Acesso em: 13 maio 2019.

BRANDÃO, Vera. Caminhos do Saber: Reflexão. *Revista Interdisciplinaridade*. 2015, p. 47-55. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/25481>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BRANDÃO, Vera; CÔRTE, Beltrina.; SILVA, Ademir. A importância dos NCIs para o longeviver na cidade. *Portal do Envelhecimento* (2017). Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/importancia-dos-ncis-para-se-longeviver-em-sao-paulo/>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRANDÃO, Vera; CÔRTE, Beltrina. A Cultura do Longeviver e a Curadoria do Saber. In. Barroso, A. S.; Hoyos, A.; Salmazo-Silva, H.; Fortunato, I. (Org.). *Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento*. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.

CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera. Longevidade Avançada-A reinvenção do tempo. *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(1), 213-241, 2018. ISSN 2176-901X. São

Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. doi:
<http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p213-241>

CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera. Territórios de Fragilidades: Envelhecimento e Políticas Públicas – um projeto de educação continuada. *Rev. Public Sciences & Policies. Ciências e Políticas Públicas*, Portugal. v. 6, n. 2, 2020.

BRETON, Hervé; CUNHA, Daysi Moreira. O Inquérito sobre o conhecimento no trabalho: entre a atividade narrativa e os processos dialógicos. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 28, n. 56, p. 56-69, set./dez. 2019.

D'ANDREA, Tiaraju. Real Panorama da Polis: Conflitos na Produção do Espaço em Favelas localizadas em bairros da elite de São Paulo. In PÓS v. 19, n. 31, p. 44. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, junho 2012. ISSN: 1518-9554

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Papirus, 2001.

FAZENDA, Ivani. (Org.) *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001a.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Ministério do Meio Ambiente, 2006.

JAPIASSU, Hilton. A Crise das Ciências Humanas. In: Fazenda (Org.). *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo: Papirus, 1995.

JAPIASSU, Hilton. *Desistir de Pensar? Nem Pensar!* São Paulo: Letras & Letras, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra (31. ed.) 2005.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Revista da Faculdade de Educação – USP*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul/dez.1999.

JOSSO, Marie-Christine. “Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si”. In Souza, E.C; Abrahão, M.H. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006, p. 7-13.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, n. 19.

LARROSA, Jorge. *Tremores. Escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica 2015.

LENOYR, Yves. Didática e Interdisciplinaridade: Uma complementaridade necessária e incontornável. In: Fazenda, I (Org.) *Didática e Interdisciplinaridade*. São Paulo: Papirus, 2001, p. 45-75.

MATURANA, Humberto; VARELLA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A Comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAN, José. *Educando para uma vida mais plena*. 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/04/educando_vida.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RICOUER, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SANTOS SILVA, Thaís. *Evidências de Desigualdade Social em Significações Simbólicas: O caso de crianças de Paraisópolis e Morumbi (SP)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação do curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, PUC/ São Paulo, 2020.

SCHON, Donald. *Educando o Profissional Reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Artmed, 2007.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.